

## Os recados de Ifá: a escrita reversa do Alapini Ifamuyiide

Olavo de Souza Pinto Filho<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem como tema central a composição dos versos de Ifá escritos pelo Alapini Paulo Braz Ifamuyiide do terreiro Ilê Ogunté em Recife, por meio do “resgate” dessa técnica oracular. Ifá é um sistema oracular de origem iorubana (com variações encontradas em países do Caribe e América Central), que é baseado no manejo de dezesseis caroços de dendê, para obter uma combinação entre um conjunto de 256 signos gráficos denominados *odus* (destinos) cada odu conteria uma quantidade de versos ou recados que comporiam seus significados. A pesquisa aborda alguns aspectos contidos nos registros do “recado de Ifá”, que tornaram possível refletir sobre como Pai Paulo tradicionaliza sua própria experiência. O que Pai Paulo nos ensina sobre Ifá é que o jogo, apesar de obedecer uma combinação entre as caídas dos odus e os seus significados, também incorpora, em seu corpus, a própria experiência de quem o executa. Minha incursão etnográfica atenta-se sobre os modos de composição implicados nessa escrita, que evidenciam e vinculam as relações estabelecidas pelo jogo entre diferentes domínios rituais do candomblé. Espera-se que a reflexão sobre esses dados etnográficos impulse uma discussão mais ampla, na etnologia afro-brasileira, sobre transformação ritual, inovação e reversibilidade.

**Palavras-chave:** Ifá, reversibilidade, nagô, escrita, candomblé.

O presente estudo<sup>2</sup> lida com um dinâmico universo de relações mediadas por Ifá, um sistema oracular de origem africana que é baseado no manejo de dezesseis nozes de dendê ou búzios, para obter uma combinação entre um conjunto de 256 signos gráficos denominados *odus*. Ifá, dizem os Babalaôs (“pais dos segredos”), é o jogo “*da fá*” pelo qual fala Orumilá. Segundo ouvi de um importante sacerdote de Ifá: “*Ifá significa palavra forte na boca de Orumilá. Ifá explica tudo, não existe nada no mundo e na vida que não tenha explicação em Ifá*”. Para alguns em Recife, Ifá e Orumilá são o mesmo ser, não sendo possível diferenciá-los. Outros afirmam que Ifá é o jogo criado por Orumilá e, portanto, Orumilá não seria exatamente a personificação de Ifá, mas seu inventor. Segundo Pai Paulo, Ifá seria *Odifá* “por onde fala Orumilá”

---

<sup>1</sup> Doutorando PPGAS-USP.

<sup>2</sup> Este trabalho é uma síntese do argumento de minha dissertação de mestrado “Cadernos nagô. A reversibilidade do Alapini Paulo Bra ifamuyiide”. defendida no PPGAS-USP em fevereiro de 2015.

É por meio dessa criação, o Ifá, que Orumilá traz as respostas para quem o consulta por meio dos odus. Cada odu é único e seria um tipo de registro em que se encontrariam todas as informações que explicam os acontecimentos da vida de uma pessoa. No Brasil, é comum ouvir as pessoas ligadas ao candomblé se referirem aos odus como *destinos* ou *caminhos* que as pessoas devem percorrer quando estão sob seu domínio. Nesse sentido, o próprio Ifá poderia ser entendido como uma antologia de acontecimentos.

Pretendo aqui compor um texto a partir da narrativa de Pai Paulo sobre os eventos de sua vida que propiciaram sua composição com Ifá. Não se trata de um estudo de trajetória de vida nem tampouco uma biografia, mas sim de pensar, a partir da narrativa de Pai Paulo, determinadas relações que ele considera como importantes em sua vida, tais como a presença dos antepassados, as narrativas de seu pai Malaquias, seu avô Adão, a feitura dos orixás, a passagem do tempo, a leitura de determinados “sinais”, problemas de saúde e situações de sua vida, que me possibilitaram explorar domínios mais amplos do universo conceitual do nagô em diálogo com temas da antropologia.

Paulo Braz Felipe da Costa, é neto do famoso babalorixá recifense Felipe Sabino da Costa, mais conhecido como Pai Adão. Filho de Malaquias Felipe da Costa com Leonidas Josefa Felipe da Costa. Além de Pai Paulo (doravante, como irei chamá-lo), Malaquias teve mais cinco filhos: Sebastião Felipe da Costa, Maria José Felipe da Costa, “Tia Zite”, Jaci Felipe da Costa, “Cicinho”, Maria dos Prazeres Felipe de Barros, Tia Zeres (falecida, antiga madrinha do terreiro) e Maria Lúcia Felipe da Costa, “Mãe Lú” (mais conhecida como Lucinha, ou Tia Lú). Com esta última, ele dirige o terreiro *Ilê Iyemoja Ogunte*, fundado em meados da década de 1970, onde zelam pelos orixás da família. O terreiro é uma dissidência do *Ilê Oba Ogunte*, mais conhecido como “Sítio de Pai Adão”. Ambos estão localizados em Água-Fria, zona norte da cidade do Recife.

Em 1997, Pai Paulo teve um infarto seguido de um acidente vascular cerebral (AVC). Seu médico lhe disse que, para ajudar em sua recuperação, era preciso ler e fazer anotações em voz alta. Um amigo, então, lhe deu um livro sobre Ifá, no qual ele lia os odus, anotando-os em um caderno. Segundo ele, “*essas coisas eu já sabia, eu já tinha isso, mas quando eu li o livro, essas coisas se encaixaram, foi com isso que me curei*”. Essa cura, por intermédio do aprendizado do jogo de Ifá, deu-lhe um novo nome, “*Ifatóògún*”, que significa: *Ifá é meu remédio*. “*Fui curado por Ifá*”.

Conheci Pai Paulo<sup>3</sup> em Dezembro de 2012, seguindo uma recomendação do meu orientador da graduação, José Jorge de Carvalho. Na época, havia finalizado minha monografia sobre Ifá em São Paulo e, posteriormente à defesa da monografia, Jorge me disse: “*Você precisa ir para Recife e conhecer Paulo, que está reescrevendo os versos de Ifá*”.

Meu projeto de pesquisa de mestrado objetivava, inicialmente, mapear e aprofundar o florescimento do culto de Ifá no Brasil, em especial, as viagens de retorno ao solo africano, dando continuidade à experiência anterior, que resultou em minha monografia de graduação. Entretanto, estando em campo, o interesse por esse movimento de retorno foi desfocado, devido a centralidade que os membros do nagô pernambucano devotam ao culto de Orumilá, e ainda nas mediações operadas por Paulo Braz, em sua “atualização<sup>4</sup>” do jogo de Ifá.

A partir disso, a principal pergunta dessa pesquisa era: de que modo as dinâmicas envolvidas nos “recados de Ifá” podem ser pensadas enquanto uma extensão analógica de outros rituais do nagô? E de que maneira se relacionam os modos de convenção e invenção implicados nas diferentes técnicas que propiciam os recados, e de que forma esses recados se alternam e se afetam mutuamente?

Nesse sentido, destacamos a atualização do jogo de Ifá, baseada na experiência de Pai Paulo, recriando-se intermitentemente. Nos estudos anteriores, percebe-se que os autores consideram o jogo enquanto um conjunto de informações determinadas sobre os odus (cf. Braga, 1988; Prandi, 1994; entre outros), ou seja, seus conteúdos já eram

---

<sup>3</sup> Pai Paulo possui uma biografia que é destacada e valorizada por todos os seus familiares, nascido e criado em meio a muitas dificuldades econômicas e sociais, num contexto em que o racismo é cotidiano e violento, conseguiu sobrepor essa situação, profissionalmente seguiu a profissão de bancário chegando a ocupar o posto de gerente de Banco, e se aposentou com uma renda que lhe garante relativo conforto atualmente. Seus filhos homens seguem seus passos e se consolidam como importantes personalidades no universo nagô, e suas filhas chegaram a pós-graduação universitária, progredindo em um ambiente de forte segregação racial como os corredores universitários brasileiros. Sobre isso, Pai Paulo sempre diz: “Sinto muito orgulho em dar condições delas estudarem e não precisarem ser empregadas domésticas de nenhum branco, porque é muito sofrido”.

<sup>4</sup> Os usos da palavra “atualização” nesse texto merecem atenção. Enquanto categoria nativa ela é utilizada por Pai Paulo para descrever sua escrita dos recados de Ifá, que segundo ele “já tinha isso antigamente no nagô” e ele “atualiza” de acordo com suas “heranças” como veremos em mais detalhe ao longo da dissertação. Outro uso possível advém da minha interpretação sobre seu conceito aliando-o a discussões ligadas a relação entre virtual e real buscando um rendimento etnográfico sobre essa discussão (Nunes, 2012; Opipari, 2010; Anjos e Oro, 2009; Barbosa, 2013 entre outros). Esse trabalhos são inspirados pela discussão (em inúmeros trabalhos) de Gilles Deleuze e Félix Guattari entre o virtual e o real, como sintetiza Nunes (2012) “o virtual não se oporia ao real, mas sim ao atual: seu processo é a atualização. O que se opõe ao real é o possível: seu processo é a “realização”. O processo de atualização do virtual, por outro lado, é um processo de diferenciação: trata-se de uma nova criação, e não da limitação de uma possibilidade pré-existente. Os termos atuais não se confundem com o virtual de que são atualização, não são uma parte (uma realidade realizada) de um todo maior (o possível)” (NUNES, 2012, p.23)

fechados ou, utilizando uma expressão de Goldman (2012), pensados como “dados”. O que pretendo demonstrar é que, ao contrário do que afirmam outros autores, o jogo é – para usar uma terminologia nativa – *feito*, passível de ser aprendido e transformado ao longo da experiência vivida pelo adepto. O jogo não seria uma “forma” dotada de um “conteúdo”, mas, antes, comporia algo análogo a uma “teoria nativa da criação” (GOLDMAN, 2008), em que o jogo é recriado na própria individuação da pessoa que ocorre ao jogo.

Minha incursão etnográfica possibilita destacar alguns pontos convergentes com a *atualização* do culto de Ifá feita por Pai Paulo, em especial, sobre a escrita dos “recados de Ifá”, e ressaltar particularidades e diferenças significativas entre essa prática oracular e outras práticas conhecidas no nagô. Espero ressaltar que o jogo de Ifá, como afirmam meus anfitriões, é da ordem da experiência e constitui-se como interação pessoal entre o pai de santo ou a mãe de santo, o jogo e o consulente. Nessa interação, tanto os pais de santo quanto o próprio jogo entram em um tipo de composição específica, *fazendo-se* mutuamente.

Início essa sessão considerando o jogo de búzios, tal qual praticado no nagô, como fundo contextual por meio do qual Pai Paulo se diferencia mediante a adoção de uma nova técnica de jogo, *recuperada* por ele após ler um livro sobre Ifá. Como foi observada, a relação de Pai Paulo com Ifá articula dois momentos de inovação: ele mobiliza um conjunto de ações convencionais e cria/improvisa novas ações contra (e por meio) esse fundo convencional. Como se pode ver na literatura antropológica sobre o tema, em tais casos esse tipo de atitude é sempre descrito ou entendido na chave da mudança ou da continuidade (invenção ou tradição). Meu intento, aqui, é trocar a conjunção “ou” pela injunção “e” ao analisar esses dois momentos, não como opostos, mas como complementares.

Os aspectos mobilizados pela teoria de Pai Paulo: *intuição* e *herança*, acionados em sua explicação sobre a criação dos recados de Ifá, agiriam como uma antecipação entre invenção e convenção, ressaltando o papel de mediador e “obviador” de Pai Paulo, por meio dos rituais que Ifá motiva/opõe em seus múltiplos contextos.

### **Ifátóògun (Ifá foi meu remédio)**

Pai Paulo acorda às cinco da manhã. Levanta sentindo a cabeça meio fraca e sente uma agonia subindo das costas para o pescoço. “*Deve ser a diabetes*”, ou algum efeito

da trombose que, às vezes, manifesta-se. Da janela de seu quarto, a luz do sol reflete sobre sua cama, diretamente. Aos pés da janela, uma antiga bicicleta ergométrica. Ele sobe na bicicleta e começa a pedalar. Antigamente, podia caminhar pela avenida beira mar, que se encontra a uns 300 metros de seu quarto. Mas com os pés inchados, piorando a cada dia, o jeito é exercitar-se na bicicleta. Enquanto suas pernas movimentam os pedais, ele começa a saudar Ifá. “*Ifá mojuba ...*”. Sente a tontura novamente tomar sua cabeça e encerra o exercício. Seu estômago está vazio.

Ele levanta, dá dois passos e abre uma esteira no chão, que estava dobrada. No centro da esteira, uma pequena tábua redonda de madeira, o *opom*. Resquícios de um pó amarelo assenta-se em suas extremidades e marca os entalhes de sua borda. Pai Paulo retira uma pequena almofada, que cobre sua superfície, e coloca-a de lado. Perfilados ao lado do *opom*, há uma linha de *ikins* - os caroços negros de dendê, “*por onde fala Ifá*”. Pai Paulo os coloca perto da boca e continua sua invocação. Abre uma pequena sacola branca de pano, retira um recipiente de plástico, contendo um pó amarelo em seu interior. Com os dedos, pega uma quantidade e coloca na boca, em seguida, salpica um pouco desse pó nos instrumentos ao lado do *opom*, uma casca de caracol quebrada, um pedaço de osso, dois búzios unidos por uma cera escura (chamados igualmente de *ikin*). Terminado esse processo, ele espalha, na superfície de madeira, o pó, até que ele cubra totalmente o espaço delimitado por um círculo concêntrico. Sua mão direita traça uma reta da extremidade superior à inferior. Pega os 16 *ikins* e os manipula, batendo uma mão na outra. Alguns escapam e ele traça uma pequena marca vertical ao lado direito. Repete o movimento com as mãos e novamente os *ikins* caem. Ele agora traça uma marca ao lado esquerdo. Ao terminar esse processo, ele olha o desenho dos traços da madeira e anota em um caderno espiral o *odu* que Ifá determinou naquele dia.

É preciso saber ainda sobre o que fala esse *odu*, qual seu recado para o dia de hoje. Quase embaixo do *opom*, está uma corrente de ferro com oito partes incrustadas ao longo de sua extensão. É o *opelê*, “*auxiliar do opom*”, diz Pai Paulo. Ele pega a corrente ao meio, com sua mão direita, e a levanta. As duas pontas que se formam tendem ao chão. Com elas, ele toca cada instrumento que consulta Ifá. Ao terminar esse rápido cumprimento, atira o *opelê* na esteira. Ele repete esses movimentos mais algumas vezes, em cada lance, ele anota outra configuração de *odus* em seu caderno. Agora ele pensará no recado do jogo e escreverá em seu sítio na internet. Está pronto para começar o dia.

Como dito no início, em 6 de fevereiro de 1997, Pai Paulo teve um infarto e foi levado às pressas a um hospital particular. No dia 7 de Março do mesmo ano, ele foi

internado para o procedimento de cateterismo. Por negligência ou erro médico, não foram feitos os exames preventivos ao uso do contraste, houve, por isso, uma reação alérgica à substância que desencadeou, em Pai Paulo, uma nova parada cardíaca e uma trombose do lado esquerdo do cérebro. Pai Paulo ficou na UTI por 8 dias. Um segundo erro médico agravou o quadro clínico: como paciente que sofre de diabetes, foi-lhe ministrado um soro com glicose, que quase o matou.

*“Eu tive um infarto em 1997 e depois uma trombose, porque eu era alérgico ao contraste do cateterismo me deu uma trombose do lado esquerdo do cérebro, ele falava: Seu Paulo, o senhor está sentindo alguma coisa? E eu falava que nada, porque ia perdendo o movimento do corpo quando o líquido subia nas minhas veias. Aí eu fique de cama, sem me mexer ou falar. Me dando dor de cabeça e no estomago, porque me deram dipirona, sou alérgico também, aí não sabia se estava vivo ou se estava morto”*

A recuperação foi lenta. Um dos efeitos do AVC foi a perda parcial dos movimentos do lado direito do corpo, bem como impossibilidade de fala e problemas com a memória. Diante de tal quadro, o médico de Pai Paulo sugeriu, como exercício de recuperação, a leitura em voz alta e a prática da escrita. Seus interesses literários eram os livros que falavam sobre o candomblé. Já tinha lido os *Nagô e a Morte* de Juana Elbein dos Santos, e tinha gostado de ver transcrito, ali, inúmeras rezas e invocações em iorubá, e sua tradução para o português. Um amigo tinha comprado um livro e oferecido a Ajibola (nigeriano amigo de Pai Paulo), que declinando do presente recomendou que presenteasse Pai Paulo, e assim sucedeu.

Pai Paulo seguiu com as recomendações médicas, lia o livro sobre Ifá e falava em voz alta o conteúdo do livro (no começo, como a fala estava afetada pelo AVC, não conseguia se fazer entender). Na medida em que avançava nas leituras, comparava o que estava descrito no livro com seus próprios conhecimentos sobre Ifá. Pai Paulo me conta que Ifá veio de família, *“herança familiar”*, que seu avô Adão *“era de Ifá”*, mas que não praticava como babalaô, porque tinha um Exu que trabalhava com pimenta, o que era *“tabu”* de Ifá. De toda forma, Pai Adão consultava o jogo com frequência.

*“Meu Avô [Adão] jogava os ikins, marcava o odu no opom, mas seus filhos não pegaram isso. Meu pai sempre contava como meu avô cantava as toadas de Ifá, as invocações, e como ele fazia com as mãos [faz o gesto] e marcava os odus. Ele aprendeu isso na senzala, junto com os negros. Então, meu pai lembrava, e eu fiquei com isso na cabeça, mas não sabia como fazer, os africanos eram muito reservados, não falavam, e ele não pedia pro pai ensinar, talvez porque achava que o pai fosse viver para sempre,*

*ou por medo de levar uma bronca. Meu avô e o amigo dele Claudino ficavam treinando um com o outro mas, não chamaram os filhos para treinar, eu fiquei com isso na cabeça, 'um dia eu vou saber isso também'.*

- Com quem que o senhor aprendeu esse jogo, então?

*- Um amigo me deu um livro sobre Ifá, aí eu lia os odus e anotava em um caderno, os 16 odus maiores e os filhos deles [a combinação de um odu maior com outro maior gera um odu terceiro, tido como "filho dos odus que se combinaram"]. Quanto eu mais lia, mais mentalizava, lendo e gravando. Foi fácil demais para pegar, eu ia pela lógica, história do Brasil? Não existe lógica. Geografia? Não existe lógica, Matemática, não existe lógica, mas aí pelo Ifá existe lógica, então eu me guiava pela lógica, mesmo a de geografia, porque aí tem lógica mesmo, você vai mudar quem descobriu o Brasil? Na África, por exemplo, o Odu oworin e oxe têm numerações diferentes, são sete e oito, muita gente que está aqui não conhece, mas o que dá esses odus? 82 e é esse outro odu, não é o mesmo. Oworin é o Pai e Oxé é o filho, oworin oxé é filho de Oworin meji. Essas coisas eu já sabia, eu já tinha isso, mas quando eu li o livro essas coisas se encaixaram, se retificaram. Mas veio, sobretudo, por herança espiritual familiar. Da mediunidade, da intuição, tá entendendo? Porque as vezes a pessoa tá com vontade de ir por aqui, o que vai ser? Como será? Só que tem a mediunidade, não quer aceitar a coisa como deve ser. Aí você escuta é pra ir por ali e você diz não, eu quero ir por aqui, aí quebra a cara. Siga sua intuição, então a pessoa deve confiar somente nela, se livrar da dependência das pessoas, ser independente. Senão a pessoa fala eu vou fazer só o que fulano tá dizendo, aí se lasca! Aí tem que ir confiar em Deus, nos orixás, nos antepassados todos e em você próprio, o lema é esse! Confie, jogue e fale, invoque e jogue, que você vai ver, porque o orixá vai dar o recado, mas depende das invocações, da mediunidade. Porque o cabra só lê por lê[ fala do livro], mas quando tem de ser persistente, vai e vai, vai e vai e consegue.*

Ainda na época de Adão, segundo Pai Paulo, havia outro africano que jogava Ifá: *"Claudino Gomes de Almeida, Bamboxê, e não Claudio. Era da nação jeje, jeje-mahi. Pai de Eustáquio e avô de Jeronimo. Eles eram muito próximos, costumavam se visitar e comparar o resultado do jogo. Um confirmava o que o outro falava",* contou-me Paulo. Segundo ele:

“Claudino tinha um livro<sup>5</sup> sobre Ifá, que veio da África já naqueles tempos. Sempre que entravam em desacordo sobre um recado do jogo, ele ia confirmar no livro se meu avô estava certo”.

Cada modalidade de jogo de búzios (com dezesseis, oito ou quatro) no nagô possui uma dinâmica própria de manuseio e obtenção de respostas relacionadas aos contextos de sua execução. É conhecido, ainda, em Recife, um jogo de búzios da jurema<sup>6</sup>, que não teve oportunidade de acompanhar com mais detalhe, no qual há uma mudança da técnica do jogo e dos búzios em si (um tipo de concha mais escura), e ausência de odus. São jogos diferentes que se relacionam de uma maneira muito específica na composição de seus recados e de acordo com suas especificidades, os jogos de búzios performam<sup>7</sup>[enact] jogos diferentes.

Os odus são *performados* e suas mensagens são confrontadas pelas diferentes técnicas que os elicitam (os lances de confirmação de odu de uma técnica por outra). Em linhas gerais, pode-se dizer que essas diferentes maneiras de lidar com os jogos de búzios em Recife têm coexistido há décadas e coexistem agora com o jogo de Ifá. Embora meus amigos de Recife considerem o jogo de Ifá mais “completo”, ele não substituiu as outras modalidades existentes.

O que os búzios fazem é mudar um “contexto” para outro, movendo o jogo, e diferenciando recados por meio dos odus. À primeira vista, pode se imaginar que esse movimento surge de uma pluralidade de um mesmo jogo, entretanto, de acordo com a sabedoria nagô, pode-se perceber que são jogos diferentes. Pode-se afirmar que, mais do que diferentes versões de um mesmo jogo, o que encontramos são diferentes jogos que *performam* diferentes realidades que coexistem entre si.

---

<sup>5</sup> Considero essa passagem, essencial para compreender a atualização de Ifá por Pai Paulo a partir de sua leitura do livro “Ifá, orixá do destino” (1995). Como depreende-se dessa passagem o livro de certo modo é uma atualização de um elemento que já estava contido na narrativa, não sendo por tanto totalmente estranho ao universo nagô. O livro pode ser lido na chave do “mito”, não no sentido de atribuir a história um caráter “ideológico” ou “fictício”, mas um fundo pelo qual Pai Paulo pode avaliar e confirmar sua experiência, como discutido no capítulo 3.

<sup>6</sup> Jurema é uma religião afro-brasileira muito popular em Recife e em outros estados.

<sup>7</sup> Opto pela tradução de “enact” por “performar”, o uso do conceito é influenciado pelo trabalho de Annemarie Moll “Política ontológica. Algumas ideias e várias perguntas” (2012). Como nota o tradutor, o termo “enactment” está próximo da ideia de “performance”. Ainda de acordo com o tradutor: “Em obras posteriores, a autora viria a adotar, em exclusivo, o termo ‘enact’, para se destacar de algumas conotações alimentadas pela extensiva utilização do vocabulário da ‘performance’, nas ciências sociais da viragem do século. O termo ‘enact’ é de complicada tradução para a generalidade das línguas europeias, sendo difícil cobrir todas as acepções com a elegância da palavra inglesa” (2012, p.7, nota 11.) Sobre a relação entre esses termos, cf. Annemarie Mol (2004), *The Body Multiple*, Durham e Londres: Duke University Press; e John Law (2004), *After Method: Mess in Social Research*, Londres: Routledge, p. 159.

Os odus não existem apenas em suas mensagens, eles carregam em seu interior modulações das práticas que os possibilitam, de acordo com a quantidade de búzios que é lançada nos momentos de sua execução. Essas técnicas são responsáveis pelas diferentes maneiras de lidar com Ifá. As modalidades de jogo possibilitam imaginar que, possivelmente, essas técnicas contribuíram para a precipitação da transformação dos odus que delas participam (de dezesseis para 256).

Pai Paulo adverte que, embora se tratando de jogos sob o domínio de Ifá, sua dinâmica de sua execução, seu manejo técnico e sua própria constituição “cosmológica” se modificariam através de suas diferentes execuções. Tais práticas diversas não seriam variedades de um mesmo jogo ou, como apontam alguns autores (Prandi, 1994, *et al.*), “técnicas simplificadas” de um mesmo jogo. Tratar-se-ia, de fato, de jogos que mediam a comunicação entre homens e orixás de maneiras distintas, manejando essas composições de acordo com seu próprio universo conceitual. Disse-me várias vezes que é a *intuição* que determina uma boa leitura, que esta última não pode ser “aprendida” e que não haveria método para ensinar isso. Ele me concedeu uma explicação sobre essa *intuição* quando comentava com ele esse quadro dos odus contidos em outros estudos sobre o jogo de búzios:

-Pai Paulo, a ordem dos odus está certa?

*“É isso mesmo.”*

-São esses nomes?

*“São sim! E o número de abertos e fechados (búzios). Agora tem uma coisa, isso pode dar um resultado errado!”*

- Errado? Como assim?

*“Veja esses odus que eles tão falando. Eles pegaram de um caderno que Amara<sup>8</sup> escreveu no sítio. E depois as pessoas [tanto antropólogos quanto praticantes] acham que é só isso, se elas seguirem somente o que está escrito, vai dar errado! Porque você pode ler e sair um odu, mas não poderá ganhar do oculto. Saber qual odu que está vencendo naquele jogo. Às vezes, o odu aparece falando sobre uma coisa ruim, mas pra pessoa, naquele jogo, ele está falando de bem. E como a pessoa saberá disso no caderno? Não dá! É preciso saber ouvir a intuição, amarrar o oculto.”*

- Com o tempo que a pessoa vai aprendendo isso?

---

<sup>8</sup> Amara Reis Gomes, considerada uma das maiores cantoras e especialista de cantos para os orixás e dos rituais de Ossaim, falecida em 1980.

*“Não! Isso não tem como ensinar, você não aprende a ter intuição. Você a escuta! É algo que a pessoa já tem da sua espiritualidade, da sua intuição. Vem de Deus e dos orixás, e a pessoa precisa confiar. Já vem das heranças espirituais e familiares. Quem é bom já nasce feito e quem quer fazer não pode.”*

Em certo sentido, *herança* é aquilo que é aprendido e repassado aos outros. O conhecer das coisas no nagô pode ser associado, no limite, ao domínio do “fazer”; enquanto *intuição* poderia ser tomada como algo “dado”, do domínio natural. Contudo, *herança* e *intuição* se fundem no ato de *ouvir* o jogo, esse movimento de “*amarrar o oculto*” engloba as distinções anteriores e modifica a posição dos domínios. Essa ambiguidade relaciona-se com a capacidade do bom jogador de ir além do que está estabelecido. É de certo modo um “poder”, uma capacidade que os “grandes” ou os que “nascem grandes” conseguem fazer de maneira espontânea. É a ironia da sentença: “*quem é bom já nasce feito, quem quer fazer não pode*”.

Como Pai Paulo nos ensina, um dos momentos de maior importância na execução do Ifá é o momento de confirmar as caídas e seus enunciados. A etapa de se descobrir o recado nessas caídas é denominada *Odibo*<sup>9</sup>. Mais do que um simples método de obter “sim” ou “não” sobre aquilo que se pergunta, é preciso *desvendar* quais são as implicações contidas nos recados do jogo. Essa interpretação do recado, na visão de Pai Paulo, seria o que separaria um bom sacerdote de um ruim: “*é preciso ganhar do oculto*”, me diz Pai Paulo, “*precisa saber seguir sua intuição, isso não é algo que se ensine, a pessoa traz com ela*”.

Os modos de aprender possuem uma íntima ligação com a *intuição* e, como vimos, a *intuição* se relaciona com a *herança*. Esses dois conceitos nos fornecem pistas de como a diferenciação atua no contexto das práticas oraculares do nagô.

O trabalho de sistematização do conhecimento de Ifá exigiu de Pai Paulo um rigoroso processo de memorização dos versos e dos recados. Segundo ele, a técnica ele já tinha - porque vem de *herança* - e o que o livro fez foi “*retificar algumas coisas*”:

Parece-me que a execução do jogo e, principalmente, a transmissão da sua técnica para outras pessoas envolve outras disposições. A leitura em si não permitiria que o jogo do Ifá fosse novamente utilizado, que essa *atualização* se desse simplesmente por meio

---

<sup>9</sup> Curiosamente, Bascom dá uma definição semelhante: “É por essa razão que as alternativas específicas são chamadas de Ibo, significando ‘encoberto’ ou oculto, ou fechando ou amarrando Ibo (Dibo, Di bo). Embora Ibo seja dado no dicionário CMS como lançando a sorte ou dados, os adivinhos consultam os deuses e Abraham como tirando a sorte. Ibo é derivado do verbo cobrir (bo), referindo-se ao que poderia cobrir as alternativas apresentadas a Ifá, a fim de escondê-las do adivinho” (BASCOM, 1969, p 35).

da objetivação do conteúdo do livro para que o jogo fosse recuperado. Penso que o livro sirva como uma “motivação” para tal *atualização*, mas não seria seu principal vetor. Há outras coisas envolvidas nessa *atualização*.

O “jogar” implica, então, na capacidade de se interpretar os recados de Ifá e na eficácia de seus vereditos. Além disso, implica, principalmente, em sua capacidade/necessidade de ser confirmado por outras pessoas ou técnicas de jogo. Realiza-se, assim, um constante movimento de “jogar” e “confirmar” dentro de uma técnica específica, que é estendida por analogia a outros contextos oraculares.

A transformação particular do jogo de búzios para Ifá operada por Pai Paulo parece envolver uma mudança das categorias convencionais dos dezesseis odus, dentro de uma nova modalidade de jogo, o que acaba por implicar em uma nova elaboração de seus recados por meio dessa “nova” técnica, conforme veremos a seguir.

### **Os recados de Ifá**

Entretanto, o livro “Ifá orixá do destino” não oferece mais do que um verso sobre os principais odus. Pai Paulo precisou, então, recompor o sistema de Ifá, os versos que não possuía, os quais, segundo ele, seu pai e seus tios não aprenderam com seu avô. A leitura serviu como esse gatilho, mas Pai Paulo não se contentou com o que encontrou escrito naquelas páginas. Foi preciso ir além:

*“Todo dia de manhã eu jogava Ifá e dava um odu, aí eu saía para caminhar e ia ouvindo o que as pessoas falavam, o que eu via acontecer no caminho, e aí vinha uma frase aqui, eu anotava uma coisa ali, uma resposta, e quando chegava em casa anotava tudo e comparava, eu queria ver se tava certo com o que o odu diz, se batia, sempre batia. Foi com isso que me curei, meu nome de Ifá é Ifatòdùgún [Ifá foi seu remédio, ou o curou]. Fui curado por Ifá”.*

Quando cheguei a Recife, esse caderno já tinha se completado. Pai Paulo me disse que ele estava bruto, que agora ele já lapidara seu conteúdo e era com ele que escrevia os recados de Ifá:

*“Ali está o bruto, não tá os versos. Eu saía para rua após o jogo, para confirmar o que o jogo falava. Desvendar o oculto. Então eu passava numa rua e uma pessoa falava: ‘deu tudo certo com o negócio’. Outras vezes, aparecia um cachorro no meio do caminho. Eu levava um caderninho e ia anotando tudo. Mas aquilo era bruto. Aquilo era o que eu estava enxergando... Mas tem de colocar aquilo no lugar, colocar em ordem, é preciso ainda ler, averiguar e extrair o que estava correto de acordo com o jogo. De acordo com as intuições, ganhar do oculto. Ver de acordo com o segmento, então têm de*

*traduzir e colocar em verso. No recado está mais puro, o odu pode se transformar em verso e aí está dizendo o que é. Hoje, o recado já sai melhor, está lapidado. Eu escrevo em poucas linhas. Sempre foi assim, quando eu era gerente no Banco Itaú, meus memorandos eram escritos em poucas palavras. Quem sabe o que quer dizer não precisa de muito para escrever. Sempre fui assim, até na escola. Então, o recado hoje sai mais preciso, mais direto. Mas ali não está tudo, eu não dou ouro ao bandido. A pessoa que ler precisa ver o que o jogo diz pra ela, a partir do recado do dia. O que está ali é o coletivo, agora, cada um precisa ver o que é seu naquilo. Um dia estava andando com minha mulher, ela estava preocupada porque seu irmão estava muito doente. Ao passar na rua, vi uma criança falando pra outra 'até amanhã'. Eu falei pra ela que meu cunhado ia morrer no outro dia. Ela brigou comigo. No outro dia o irmão faleceu... 'Bi ôwé bi ôwé ni Ifá soro' é por meio de provérbios e na forma de exemplos que Ifá fala."*

Atualmente, Pai Paulo não lê mais o caderno para ver o recado do Odu. Quando ele joga, não recorre mais ao caderno para ver o que corresponde nas histórias do odu, pois já *"Está tudo aqui na minha cabeça, os odus driblaram minha trombose"*, disse-me sorrindo.

Para compor o recado, Pai Paulo parte das jogadas. Primeiro, com os ikins ele tira o "odu do dia", anota no caderno. Depois ele utiliza o opelê (o auxiliar do opom, como ele sempre diz), para ver se o jogo "está vendo de bem" ou se "está vendo de mal". Só então ele parte para as perguntas que cada uma dessas possibilidades permite. Cada pergunta questiona o jogo sobre as sortes ou infortúnios, o que eles permitem saber sobre saúde, emprego, família, dinheiro. A cada questão dessas, é realizada uma nova jogada que compõe dois odus. Esses odus devem ser lidos pela "ordem das hierarquias", para saber "qual que está ganhando", e só assim saber a mensagem de sua caída. Essas combinações também são anotadas em sequência, no caderno. Só aí é que Pai Paulo procede à leitura do jogo e à elaboração do recado.

Durante o trabalho de campo e as leituras desses recados diários, pude notar que a frequência das postagens desses recados reflete o dia a dia de Paulo Braz. Quando ele está em Recife, ou em outros lugares, realizando "obrigações de santo" ou outras tarefas, os recados não são colocados em seus *sites*. É apenas quando ele está em sua casa de João Pessoa, na tranquilidade de sua rotina, que ele se dedica à essa tarefa. Dessa forma, através das postagens no próprio *site*, pude acompanhar os deslocamentos e interrupções em seu cotidiano.

Entretanto, se, à primeira vista, pode-se pensar que os recados partam de questionamentos diretos *sobre* a vida de Pai Paulo, estaria se incorrendo em um grave equívoco. O recado, ao contrário do que se pode pensar, nunca é *para* ele. Ele me disse que nenhuma pessoa deve jogar para si, pois caso o faça, poderia manipular o jogo e afetar o resultado das jogadas. É por isso que Ajibola, por exemplo, procura confirmar o seu próprio jogo com o de Pai Paulo:

*“Eu não jogo para mim, poderia influenciar o jogo. Por isso que Ajibola confirma o jogo dele comigo. Ajibola joga com búzios, eu com Ifá. O jogo de búzios dá um número limitado de odus, não possui todos eles. Para saber sobre cada coisa, é preciso várias jogadas, enquanto com o opelê eu jogo uma vez e consigo o recado. Ajibola não joga com ikins, ele usa até cartas [risos]. Eu prefiro o opom e opelê. Mas ele diz que “tudo é matemática”. Eu não confio em qualquer pessoa para jogar e isso é ruim. Não posso nunca jogar para mim. O jogo não funciona para você mesmo. Quando fomos para Nigéria o ano passado [2013], Ajibola apareceu um dia com um Babalawo. Ele queria que eu jogasse com ele, que ele poderia curar minhas pernas. Eu falei tá bom, mas só se ele bater Ifá comigo e a minha jogada confirmar a dele, e assim por diante. Para saber se ele fala a verdade ou está só de enrolação. Meu jogo vem de herança familiar. Como o rei de Oyo falou pra mim: ‘Você fala ioruba arcaico. Foi preciso alguém vir lá do outro lado do oceano para cantar para mãe de Xangô. Se tiver seis africanos que sabem o nome da mãe de Xangô, é muito’. E eu sabia! Essas coisas ninguém me ensinou. Por isso não posso ensinar ninguém a jogar Ifá, como vou passar para alguém aquilo que não aprendi? Isso vem das intuições, de herança. De Deus, dos orixás, de meu bisavô Adifabola. Do egum de nossa adoração Baba Okoto. Tá no nosso sangue. Quem é bom já nasce feito!”*

Por meio dessa história, Pai Paulo transcreve por meio de metáforas aquilo que lhe diz Ifá sobre o diagnóstico de determinada situação, em seu dizer, “por meio de provérbios e na forma de exemplo é assim que fala Ifá”. Como podemos ver, essas histórias são importantes pelo conteúdo e principalmente efeitos que produzem em seus leitores. Pai Paulo é um grande contador das histórias de seus ancestrais, mas a composição dos recados não se resume a isso, de todo modo, dessas narrativas em composição com aquilo que fala o jogo que ele parte de modo criativo para aconselhar quem o procura ou lê, bem como, exprime suas censuras ao não cumprimento das obrigações rituais, a partir daquilo que enxergaria Ifá. Dessa forma, os recados ganham seus contornos de acordo com o contexto em que as perguntas lhe foram dirigidas.

Por exemplo, para escrever na forma de versos aquilo que diz Ifá, Pai Paulo pode iniciar de uma situação mais específica, como uma questão em particular ou uma determinada situação. Cada jogada do opelê corresponde a um *verso*, e esse *verso* pode comunicar a um outro conjunto de questões, que podem ou não estar relacionadas a primeira questão que abriu o jogo, isso deve-se, em parte, ao fato de que os recados de ifá que estão na internet, tendem a não ter um destinatário específico, abrangendo uma infinidade de situações para exprimir sua mensagem, como no caso abaixo.

RECADO DE IFÁ HOJE 17.11.2.014

Ésé Itan ifá

Adimula, foi que criou Ifá, para ver se Aboni,  
teria boas sortes;

Aboni, através das consultas, soube de Ifá,  
que vai ganhar, este já está ganho;

Está fechado, O Bandeirante, não tem outra saída,  
a não ser pagar a sua indenização;

Oku Ajá adverte para evitar pessoas com energias negativas;

Não respeitam ninguém e tem muito o que pagar;

Não olha as humildades das pessoas, provocando intrigas,  
com racismo, e com, desentendimentos, sem ter prazer,  
no casamento;

Humilhando as pessoas, e ninguém sabe o dia do amanhã;

Ifá diz que na Aruanda, não ouvirá o que ele diz;

É viciado em geral com bebidas alcoólicas, quando bebe,  
fica como um louco, não atende ninguém;

Deve ter cuidado com acidente, principalmente,  
nas curvas das avenidas;

Jogue na loteria, com sorte poderá ser premiado;

Ifá fala das boas sortes, com vitórias sobre doenças,  
com alto riscos de vida;

Terá liberação de dinheiro; na velhice, haverá,  
incompatibilidade entre o casal; O casamento com amor está abalado;

Deve agradecer a Sangòó, para ter amor e harmonias,  
com afeto entre os pais e filhos, para combater as crises e  
para se tornar uma família feliz.

Esses recados obedecem a uma armação que varia conforme a mensagem a ser transmitida. Por vezes, os recados começam por “Ifá diz” ou “Ifá não está vendo bem hoje”. Isso nos indica se os Odu vêm por “bons ou maus caminhos”, ou seja, se os recados são positivos para quem pergunta ou não. Em outros, os recados contêm na abertura o nome do Odu, por meio do qual o verso *fala*, essa codificação permite aos iniciados do candomblé saberem quais são as prescrições contidas em cada odu.

RECADO DE IFÁ HOJE 18.11.2.014

Ésé Itan Ifá

Araba, criou Ifá para Akanji fazer reuniões,  
para se prevenir de uma morte repentina,

quando estava bem se saúde;  
Akanji consultou Ifá que falou, que existem esquemas violentos,  
dos bandidos, roubando e desviando com lavagem de dinheiro,  
com o fim de investir na política, para beneficiar candadto,  
para assumir cargos eletivos;  
Não se preocupam na educação e na saúde,  
quando muitas pessoas morrem por omissão de socorro médico.  
Sem contar com as dificuldades humanas, que muitas vezes,  
lutam para ter dinheiro para conseguir comprar o pão de cada dia.  
Os infortúnios, vem trazendo falta de dinheiro sem condições de comprar  
medicamentos,  
As doenças dos idosos. que sofreram quedas.quebrando membros importantes  
do corpo;  
Não deve brigar para não se arrependder; Existem acompanhamento espirituais,  
podendo até ver dois vultos, conforme a sua vidência.

As narrativas podem reportar-se a um contexto mais amplo, nesse caso, ela reporta-se a problemas que uma pessoa possa estar vivendo em consequência da situação política ou econômica do país, acesso a terra, ou luta contra o racismo, entre outras. Um modo de análise dessas situações, a partir de Ifá, é uma leitura reversa desses problemas.

#### RECADO DE IFÁ HOJE 20.01.2015

Ifá fala que não estão respeitando a democracia  
os menos favorecidos se pegar um chocolate  
é condenado a 20 ou 30 anos de xadrez  
enquanto os ladrões de gravata estão palitando o dente.  
Ifá dos infortunios no passado,  
iniciou uma nova etapa na vida;  
o momento pode ser de novidades;  
Ifá não está falando do bem;  
tudo o que faz não ve bons resultados;  
não está vendendo como não esta podendo comprar.  
Os infortunios vem trazendo falta de dinheiro  
para poder cumprir seus compromissos financeiros  
a ponto de contrair graves doenças;  
deverá lutar para ter uma paz mundial  
para o bem estar da humanidade  
matando pessoas inocentes, usando as derrotas  
com requintes de maldição com crueldade.  
Ifá pergunta porque não procura com afinco  
e urgentissimo vacinas para curar sérias doenças  
como o cancer ,hiv, ebola e muitas outras escondidas embaixo do pano  
ao invés de fabricar poderosas armas  
deixando muitas mães chorando  
pelos desaparecimentos dos seus filhos queridos.  
Ifá diz ainda que os rombos existentes  
nos mensalões, pretoleiros, os ladrões de gravata  
estão fazendo fata a saude, os doentes necessitando ser atendidos nos postos  
de saude  
estão ficando sem um medicamento muito importante que é insulina e seringas  
que falta mais de 6 meses aos necessitados.  
O mesmo acontece com a educação, as crianças mal formadas  
com ensino muito precario.

A escrita dos recados obedece uma composição específica entre a jogada do ikin, o odu que aparece e a maneira de se transmitir o recado. São os odus e as situações que eles elicitam que são “traduzidas” por Pai Paulo por meio das conexões que ele estabelece em meio a participações envolvidas entre tais situações prescritas, orixás que as motivam e ancestrais que se vinculam a tais contextos, segundo Pai Paulo:

*“O recado está mais puro, eu preciso traduzir e colocar em verso, o odu pode se transformar em verso e dizer o que é, os outros eu fiz e já tá aí, por exemplo, Obikule é uma filha de Obaluaiê, que tem o mesmo Obaluaiê que eu tenho, Sapatasi é Xapanã, já nos outros vem um egum, Alakeoman é um egum, Abilare é um egum, Araba... Atokun é o líder dos eguns nas invocações mesmo. Aí eu boto o nome, fulano consultou Ifá, criou Ifá para dizer através do Ifá o que está acontecendo, então soube o que está acontecendo, então, sobre o que tem de fazer, isso e aquilo. Isso é um verso depois que vem o recado, as boas sortes e os infortúnios. Eu boto o nome desse povo para poder criar o verso, eu tô fazendo do meu jeito. Adamassi é meu avô, chega o odu e daí o que eu vou dizer o primeiro odu, né? O primeiro odu que criou Ifá para saber aquilo, aquilo outro, depois vem o sim ou não, que já é o jogo”.*

Em outras passagens, o nome do odu ou de Ifá é substituído por nomes dos ancestrais de Pai Paulo, ou de antigos sacerdotes do nagô pernambucano. Pude identificar esses nomes e pessoas através das narrativas que Pai Paulo me fez sobre seu avô Adão (que aparece nos recados como Ope, uma redução de seu nome ioruba Opewatanan) ou de Otolu, que era pai de criação de seu avô. No entanto, essa composição, não é algo derivado do que poderíamos denominar como “imaginação” ou “criatividade” individual, mas advém daquilo que Pai Paulo nomeia como “*heranças espirituais*”, essa herança seria um modo de relacionar esse seu conhecimento a partir de interlocução com diversos seres, tais como orixás, e, preferencialmente, os ancestrais. Tais motivações são ativadas por relações de parentesco (rituais ou consaguíneo), como veremos a seguir:

#### RECADO DE IFÁ HOJE 03.12.2.013

Lakeoman, criou Ifá para fazer oferendas para eegunle;  
Abilaré, fez a consulta aos ancestrais, que determinou, qual seria o ebó;  
Otolu, foi indicado para fazer muitos akará com assadaka.  
Estas oferendas poderão trazer muitas sortes, no casamento,  
gerando bons filhos inteligentes, com vitórias nos ganhos de dinheiro,  
para na velhice, viver bem financeiramente.

Por meio da composição dos versos, Pai Paulo opera uma reversão entre as diferenças assimétricas do espaço e do tempo. Prescrever esse movimento como “memória” seria reduzi-lo em suas possibilidades. No caso de Pai Paulo, tudo se passa como se o tempo se movesse recursivamente aos eventos vividos pelas pessoas, de modo a coincidir com o tempo presente - se for possível imaginá-lo enquanto tempo presente.

O que Pai Paulo ensina através da escrita de seus odus é que o jogo, apesar de obedecer a uma convencionalização da combinação entre as caídas dos ikins e o significado dos odus, impele que cada pessoa, ao aprender o manejo dos odus, tenha que compor, em relação com sua própria experiência, os enunciados de Ifá. Estes assumem contornos de registros autobiográficos, uma vez que a própria experiência de quem o executa é inserida, obrigatoriamente, na leitura de seus veredictos. O jogo não é uma fala de si - do “olhador” para o consulente -, mas um diálogo entre eles, entre o jogo e seu oficiante, entre ele e sua trajetória, da memória de si com os seus antepassados, seres, pessoas e lugares, os caminhos que levaram uma pessoa a aprender o jogo.

Como vimos, os versos são criados em um modo de dispor relações que ele relata, contendo: i) o odu transformado no nome do “personificador” (ao transcrever o verso na internet, a combinação do odu é omitida, mantendo-se apenas o nome do criador daquele odu no verso); ii) a motivação daquele verso, ou seja, qual mensagem que ele transmite; iii) o recado do verso, escrito em diálogo com o “jogo *de odibo*” para transmitir quais ações devem ser executadas e para quem se destina o verso.

É interessante notar que o verso escrito na internet é um recado *coletivo*. Por isso, é preciso “individuá-lo”, para dizer o que aquele verso específico diz para cada pessoa, ao entrar em relação com ela. Ou seja, tem-se um modo de diferenciação consciente contra um fundo de possíveis similaridades que a coletividade instaura. Segundo o modelo proposto por Pai Paulo, quando uma pessoa o procura, a partir do recado da internet, é preciso ver o que aquele recado específico diz *para* ela, isto é, é preciso tornar o recado particular, de modo a especificá-lo em uma pessoa, a partir da extensão do contexto coletivo, que também é, concomitantemente, transformado.

Nas etnografias sobre Ifá, é recorrente a atenção dada pelos pesquisadores ao papel dos versos de Ifá na constituição dos odus. Esses versos seriam interpretados como “arquétipos” ou modelos característicos da composição dos versos.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Sobre isso ver, na Nigéria: ABIMBOLA(1976); em Cuba: HOLBRAAD (2013)

Ao invés de interpretar tais características como “regras” ou “tipos”, entendo os versos de Ifá como um movimento de metaforização e que, por isso, não atuam enquanto “modelos”. Não se trata de um “tipo” a ser referido na relação obtida entre o “personificador” do verso e seu contexto dos recados, tampouco de uma “classificação” daquilo que é narrado e sua posterior interpretação pela pessoa que narra a história para um terceiro componente. Poderíamos, em vez disso, situar essas ações como dimensões distintas - mas complementares - que convergiriam por meio do novo contexto ativado pela narrativa. Criando, então, uma composição entre o recado do jogo, as negociações entre o jogador e Ifá, e as correlações feitas pelo cliente.

O papel da “impersonação” em Ifá, contida nos versos, seria esse novo referente. Essa personificação obvia seu significado, como descrito por Wagner(2010), através e por meio das analogias suscitadas pelos conteúdos dos versos: os criadores de Ifá, no casos dos versos de Pai Paulo, os orixás que “falam” nos recados do jogo de búzios e ainda quem o jogo “personifica”, além do ser (orixás, ancestrais, pessoas) “personificado” por ele.

### **Algumas considerações finais**

Busquei compor um texto a partir das narrativas de Pai Paulo sobre a sua relação com Ifá (o que obviamente envolvia outras relações com outros seres). O que Pai Paulo nos ensina sobre Ifá é que o jogo, apesar de obedecer a certos princípios de combinação entre as caídas dos odus e o seus significados, também incorpora a própria experiência de quem o executa. O conhecimento sobre os odus é antes de tudo uma experimentação. Isso impele que cada pessoa, ao aprender o manejo dos odus, deve compor, com sua própria experiência, os enunciados de Ifá.

Os odus e os versos de Ifá, mais do que meios de comunicação ou sistemas de classificação, são como fenômenos da experiência que guiam e estabelecem modos de interação com o mundo, a partir de certas disposições do universo conceitual que os precipitam. Mas como esses jogos interagem entre si durante os rituais e a vida dos praticantes do nagô, no ato do jogo, essas diferentes modalidades servem como um contexto implícito, de uma para outra, uma relação/ reversão de figura e fundo.

No decorrer do trabalho, procurei explicar como esse modo de relação / reversão entre os odus e as modalidades dos jogos de búzios podem operar de maneira análoga em outros contextos. Chamei atenção, também, para como os aspectos cosmológicos de estruturação dos odus incidem no modo como eles são escritos nos cadernos dos praticantes do nagô, durante a aprendizagem do jogo e que, embora compartilhados, esses

cadernos só “funcionariam” para aqueles que o escrevem, já que a eficácia do jogo, além do domínio técnico de sua execução, é motivada também pela *intuição*, uma habilidade que não pode ser ensinada, apenas *herdada*.

A *atualização* do jogo de Ifá por Pai Paulo, na forma dos versos que ele elabora, apresenta modos de criação que não passam por uma criação *ex nihilo*. Essa atualização dispõe e expressa diferentes composições e arranjos de relações com “*aquilo que já existia no tempo de meu avô*”, em certo sentido, com aquilo que já era ‘dado’. Dessa forma, Pai Paulo não se vê como um “criador”, como me disse certa vez, “*sou um improvisador*”.

Como dito acima, a *atualização* do jogo de Ifá, na visão de Pai Paulo, vem de sua “*herança espiritual*” e está vinculada a uma concepção muito particular de consanguinidade. Essa consanguinidade pode ser entendida como um fundo de preexistência diante da qual a criação emergiria como figura. Além disso, Pai Paulo diz que não poderia ficar apenas na “*leitura*” do livro ou de cadernos - mesmo que estes contivessem todos os odus e seus recados. O jogo, para “funcionar”, obriga que a pessoa componha ela mesma seus enunciados, a partir de sua *experiência* e *intuição*, o que implica que ele não poderia ser ensinado, mas somente transmitido ao longo da vida de um “iniciado” no candomblé. Essa transmissão seria mediada também pelas “heranças”, um tipo de “dom”<sup>11</sup>.

Essa *atualização* ou *reificação*, em outro termo de Pai Paulo, consiste na escrita dos “versos de Ifá” que teriam se perdido com o desaparecimento do jogo, seriam motivados por aquilo que José Jorge de Carvalho(1987) nomeou como “Força da nostalgia”, essa força me parece apontar para a diferenciação constantemente em jogo nessa “recuperação”.

A aprendizagem do jogo de Ifá também se vincula a essa concepção de parentesco, mas de modo distinto: essa “herança” é aprendida também pelo procedimento técnico do jogo, mais especificamente, pela necessidade de se fazer “bater” seus vereditos a partir da intuição. Esse coincidir do jogo e da intuição é estendido tanto em relação a outras técnicas de jogo quanto a outros jogadores, “*um confirmando o outro*”, nas palavras de

---

<sup>11</sup> Essa é uma discussão que tem chamado a atenção de diversos antropólogos/as na etnologia afro-brasileira. Espero, em um outro momento, contribuir para esse debate, a partir do meu material etnográfico sobre a relação entre dom e iniciação (cf. Boyer, 1996; Halloy, 2010; Goldman, 2012; Sansi, 2009, entre outros). Dessa discussão, tenho como horizonte a proposição de Goldman(2012) sobre o triadismo formado entre dom, iniciação e participação.

Pai Paulo, e em relação ao próprio cliente ou consulente, que confirma se o jogo “bateu” com o que ele vive. Os cadernos e os livros seriam uma nova instância para esse procedimento, para essa reversibilidade, eles confirmam e são confirmados tanto pelo jogo quanto pelas “intuições”, sem isso eles não “*funcionariam*”.

Nessa perspectiva, a escrita se relacionaria como uma reversão dos desdobramentos relacionais, das separações cosmológicas que lhe são imanentes. Os cadernos não seriam a forma final da escrita, mas o seu devir. A escrita nesse caso seria a atualização dessas composições e o efeito de tais relações.

### **Bibliografia consultada**

- AYOH'OMIDIRE, Félix. **Yorubanidade Mundializada**: O reinado da oralitura em textos yorubá-nigerianos e afro-baianos contemporâneos. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, 2006.
- BASCOM, William Russell. **Ifa divination**: communication between gods and men in West Africa. Indiana University Press, 1969.
- \_\_\_\_\_. **Sixteen cowries**: Yoruba divination from Africa to the New World. Indiana University Press, 1993.
- BASTIDE, Roger ; VERGER, Pierre. Contribuição ao estudo da adivinhação em Salvador (Bahia). In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Olôôrisà**: escritos sobre a religião dos orixás. São Paulo: Ágora, 2003 [1953]. p. 57-85.
- BRAGA, Júlio Santana. **O jogo de búzios**. Editora Brasiliense, 1988.
- BRUMANA, Fernando; MARTÍNEZ, Elda. **Reflexos negros em olhos brancos**: a academia na africanização. *Afro-Ásia*, 36 (2007), 153-197. 2007.
- CARVALHO, José Jorge. **Ritual and music of the sango cults of Recife, Brazil**. Doctoral dissertation, Queen's University, 1984.
- \_\_\_\_\_. **A força da nostalgia**: a concepção de tempo histórico dos cultos afrobrasileiros tradicionais. *Religião e Sociedade*, 14, (2), p. 36-61. 1987.
- \_\_\_\_\_. **Cantos sagrados do xangô do Recife**. Fundação Cultural Palmares, 1993.
- GOLDMAN, Marcio. **Formas do saber e modos do ser: observações sobre multiplicidade e ontologia no candomblé**. *Religião e Sociedade*, 25 (2), p. 102-120. 2005.
- \_\_\_\_\_. **Histórias, devires e fetiches das religiões afro-brasileiras: ensaio de simetria antropológica**. *Análise Social*, v. XLIV, n. 190, p. 105-137. 2009.
- \_\_\_\_\_. **O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil**. *Mana*, v. 18, n. 2, p. 269-288. 2012b.
- HALLOY, Arnaud. **Dans l'intimité des orixás. Corps, rituel et apprentissage religieux dans une famille-de-saint de Recife, Brésil**. Thèse de Doctorat, ULB-Bruxelles / EHESS-Paris, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Chez nous, le sang règne!** *Terrain*, n. 2, p. 40-53. 2010a.
- \_\_\_\_\_. **La consultation par Ifa à Recife: La (re)naissance de une tradition ?** *Cahiers du Brésil Contemporain* 75/76, p. 57-89. 2010b.
- HOLBRAAD, Martin. **Estimando a necessidade: os oráculos de Ifá e a verdade em Havana**. *Mana*, 9 (2), p. 39-77. 2003
- \_\_\_\_\_. **Truth in motion: the recursive anthropology of Cuban divination**. University of Chicago Press, 2012.
- PINTO FILHO, Olavo de Souza. **Cadernos nagô. A reversibilidade do alapini Paulo Braz Ifamuyide**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2015.
- SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nãgô e a morte: pãde, àsèsè e o culto Égun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- WAGNER, Roy.
- A invenção das Culturas**. São Paulo: Cosac Naify, [1975] 2010a.